

## Editorial

A ILUSÃO  
AUTORITÁRIA

Nesta data, há 51 anos, teve início um regime de governo no Brasil que durou 21 anos. Com o apoio da classe média, de proprietários rurais, de empresários e da Igreja Católica, assistidos de perto pelo governo norte-americano, os militares depuseram o presidente da República legalmente eleito.

Durante o tempo em que permaneceram no poder, os militares, que assumiram a hegemonia do movimento, não deram jeito no país, apesar de contarem com o privilégio do uso da força. Muitos brasileiros tentaram enfrentá-los militarmente, mas foram abatidos, sendo mortos, presos e deportados.

Hoje, diante de um quadro parecido com o de 1964, de crise das instituições, setores da sociedade voltam a pedir uma intervenção militar. Certamente, essas pessoas não sabem o que estão falando. Na sua alienação, não têm a mínima ideia do que se passou no Brasil nos “anos de chumbo”.

Diante de um quadro político e econômico perturbado, as pessoas defendem uma solução de força que imponha uma ordem na sociedade. Uma pesquisa recente de uma universidade norte-americana apurou que, frente a muita corrupção, 48% dos brasileiros acham justificável um golpe militar.

Trata-se de uma ilusão autoritária. A democracia tem instrumentos para substituir os políticos que não nos agradam. As eleições periódicas estabelecem uma alternância de poder. As democracias mais adiantadas têm o “recall”, a faculdade de o cidadão dispensar o político que mal o representa.

O mal dos governos petistas é avaliar que precisam de mais tempo do que o regulamentar para realizar o projeto a que se propuseram. Até para se renovar, é saudável deixar o poder de tempos em tempos. Cometem o mesmo erro dos militares, que é achar que a sociedade não tem limites de tolerância.

Se o sistema político estivesse funcionando, a sociedade não se lembraria das Forças Armadas.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli  
**PRESIDENTE** Laura Medioli  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke

ACABEI DE CHEGAR DO  
BRASIL, SÃO PEDRO, E  
PEDIRAM PRA PERGUNTAR  
SE O SENHOR ACEITA  
PROPINA PRA AUMENTAR  
O VOLUME DE CHUVA!



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O testamento de Judas é peça  
literária de grande criatividade

Ditadura vigiava as malhações para não permitir chacota

**G**osto de ouvir testamento de Judas, cultura popular que está acabando. De um lado, há quem considere malhar o Judas uma violência; de outro, era uma cultura forte e presente nos meios populares, em especial nas regiões metropolitanas, onde hoje um número expressivo de pessoas virou evangélico, e as expressões culturais do catolicismo popular vão minguando.

Em janeiro passado não encontrei um reisado para apreciar na ilha de São Luís. Disse-me uma vizinha: “Ah, mulher, acabou tudo isso! O povo virou evangélico. Até bumba meu boi tá no rumo de acabar, por falta de gente pra brincar!”. Pois é, que dirá malhação/queimação de Judas!

É fato que Judas ou se enforcou (Mateus 27:5) ou se jogou de um barranco e se partiu ao meio (Atos 1:18). Escrevi que “malhar ou queimar o Judas no Sábado de Aleluia é, simbolicamente, agir à margem da Justiça oficial, o conhecido ‘fazer justiça com as mãos’: justicar um traídor sem direito de defesa, motivo pelo qual muita gente é contra a tradição de origem católica e ortodoxa, trazida para a América Latina por espanhóis e portugueses. Justiça é uma coisa, e justiça é outra.

“No Brasil, está perdido no tempo o início do costume de julgar, condenar e executar o traídor de Cristo após a leitura do seu testamento, cujo conteúdo satírico é sobre a vida de alguma figura pública real ou salpicado de tiradas humorísticas sobre pessoas de destaque na vida local (bairro ou município), estadual ou nacional. Nada a ver com Judas Iscariotes, aquele

que vendeu Cristo por 30 dinheiros.

“A criatividade brasileira transformou a malhação de Judas em uma sátira sobre amigos e vizinhos e/ou sátira política, razão pela qual a ditadura militar de 1964 vigiava as malhações para não permitir que personagens do ou a serviço do regime militar fossem alvo de chacota. Em alguns lugares, era preciso ‘tirar autorização na polícia’ para o evento, só concedida mediante a apresentação do testamento!”

“Não podemos negar a cara política adquirida pela queimação do Judas no

**Homem que quisesse saber se era corno tinha de prestar atenção no testamento. Muitos casamentos foram desfeitos depois do Sábado de Aleluia.**

Brasil, e omiti-la é esconder uma parte da nossa história... O testamento de Judas é uma peça literária de grande criatividade” (“Como sátira política, a malhação de Judas sobreviverá”? **O TEMPO**, 10.4.2012).

“Falar mal” da vida dos outros em versos é só pra quem sabe poetizar rimando! E testamento de Judas que se preze é feito em versos: “Para Duda, minha neta/ Que é cheia de mania./ Deixo uma roça completa/ Plantada de melancia” (“Testamento do Judas do Sanharol”, de Mundim do Vale). “Deixo à direita raivosa/ Cujo ‘amor’ é conspirar/ Um pedaço de minha corda/ Para feliz se enforçar” (Do blog “Afinosophia”).

Em Graça Aranha, o homem que quisesse saber se era corno ou se a filha ainda era moça (virgem), tinha de prestar atenção no testamento de Judas da rua do Alto. Muitos casamentos foram desfeitos depois do Sábado de Aleluia. Embora as inconfiências morais aparecessem cifradas, as “candinhas” quebravam a cabeça até decifrá-las. Nas conversas na véspera, Sexta-Feira Santa, a grande pergunta era: quais serão as presepadadas do testamento de Judas?

Fazendo Judas, aprendi ou descobri que sabia versejar, lá pelos 8 anos de idade. A meninada “judeira” – porque também era uma brincadeira de criança – pedia ajuda para escrever o testamento do seu Judas. E eu, que tinha o meu Judas, não me fazia de rogada em auxiliar outras crianças donas de Judas. E assim se passou meio século...

DUKE

